

O QUE REALMENTE VEM À TONA?



Muitas vezes, o que vem à tona não agrada; principalmente se diz respeito à malversação do dinheiro público, algo com que os brasileiros nos temos indignado e que moveu um leitor-cidadão a expressar, num jornal da cidade, seu justo protesto. Mas, além do protesto, veio à tona um deslize de concordância...Escreveu o leitor:

Veio à tona os gastos com cartões corporativos de dois Ministérios.

Com um pouco mais de atenção, teria ele percebido que não foi só **uma coisa** que veio à tona, foram **algumas coisas**, no plural, os gastos... Aliás, muitos, vultosos e difíceis de explicar. Logo, era preciso dizer que esses gastos **vieram** à tona.

Esse deslize de concordância é comum quando ocorrem inversões de ordem na frase, colocando-se o verbo antes da palavra que é seu sujeito.

Podemos imaginar a contrariedade que algumas pessoas experimentam ao deparar com essa nomenclatura – verbo, sujeito – que lhes atormentou a vida escolar, sob a rubrica da análise sintática... Porém, sujeito e verbo são

categorias da lógica que preside a organização do pensamento – e todos pensamos com essas categorias, independentemente de nomeá-las.

A percepção da lógica que dá organicidade a nossas idéias e a sua expressão numa língua (esse fantástico sistema com normas próprias e de domínio coletivo, garantia da vida em sociedade), essa percepção, como dizíamos, pode ser treinada, sem a “decoreba” que assusta e que deserta da memória em pouco tempo.

Basta que nos valhamos de associações vinculadas à noção de número (singular, plural). E aí não importa a ordem de apresentação dos elementos:

O GASTO VEIO À TONA

ou

VEIO À TONA O GASTO

ou

OS GASTOS VIERAM À TONA

ou

VIERAM À TONA OS GASTOS

Um dado da estrutura da frase que terá atrapalhado a percepção da “lógica” da frase na cabeça daquele leitor terá sido a presença da expressão à *tona* entre o verbo e seu sujeito. Isso terá gerado uma falsa relação de concordância: em vez de fazer concordar o verbo com seu sujeito (perdão, mais uma vez!), fez-se concordar o verbo com a expressão que lhe estava mais próxima.

Mas é fácil perceber que fere qualquer lógica supor que foi à *tona que veio*... É evidente que essa frase peca pela falta de sentido e não se enquadra em estrutura de nossa língua.

Erro de concordância é coisa que acontece... Mas no registro culto não deve acontecer, porque cria uma imagem negativa do falante, já que a variante culta é a prestigiada nas publicações, nas instituições escolares, na vida pública, na sociedade, na empresa. E quem não mostra domínio da norma culta de concordância por certo sofrerá censura, explícita ou implícita.

Concorde e garanta sucesso!

Profª Drª Eliana Magrini Fochi